

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNA
Cidade Universitária Una Liberdade

Hiago Davi Reis da Rocha

**NO LIMITE DA NOTÍCIA: a cobertura da imprensa
no caso Bárbara Vitória**

Belo Horizonte

2022

Hiago Davi Reis da Rocha

**NO LIMITE DA NOTÍCIA: a cobertura da imprensa
no caso Bárbara Vitória**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo do Centro Universitário Una como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Aurélio José da Silva.

Belo Horizonte

2022

Hiago Davi Reis da Rocha

**NO LIMITE DA NOTÍCIA: a cobertura da imprensa
no caso Bárbara Vitória**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Jornalismo na Cidade Universitária
Una Liberdade do Centro Universitário Una.

Prof. Dr. Aurélio José da Silva – UNA (Orientador)

Jornalista Isabela Reydi (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Maurício Guilherme - UNA (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 14, dezembro de 2022

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus que me deu forças e me abençoou durante todos os anos de faculdade e, principalmente, nesta etapa final para que este trabalho fosse concluído. Sem ele nada seria possível.

Aos meus pais, irmãos e amigos que estiveram ao meu lado ao longo do curso, que passaram por todas as situações e momentos difíceis comigo, vocês tornaram tudo mais leve. Agradeço pela força nos momentos difíceis e por toda a ajuda na realização dos meus sonhos.

Aos meus professores, pelo incentivo e aprendizado durante o curso. Especialmente agradeço ao Prof. Dr. Aurelio José da Silva pela sua orientação e competência durante todas as aulas e também na construção deste trabalho.

Aos meus colegas de turma que participaram de tantos momentos importantes e que contribuíram durante todo o caminho percorrido.

Aos membros da banca, nas pessoas do Prof. Maurício Guilherme e a mestranda e jornalista Isabela Reydi.

Aos participantes da pesquisa, os jornalistas Péricles de Souza, Renato Rios Neto, Ricardo Carlini, Shirley Barroso e Thiago Reis. E também ao delegado da Polícia Civil, Fábio Werneck.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte desta etapa decisiva da minha vida.

RESUMO

O produto deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é o documentário jornalístico *No Limite da Notícia – A cobertura da imprensa no caso Bárbara Vitória*. O documentário traz relatos de repórteres que participaram da cobertura jornalística para traçar uma análise, pela ótica dos próprios profissionais, sobre sensacionalismo na abordagem do caso e os limites na cobertura de uma tragédia. Neste relatório técnico, faz-se uma discussão teórica sobre Jornalismo Policial, sensacionalismo, ética, além de identificar aproximações entre documentário e jornalismo, e apresenta-se o projeto executivo e os relatos de experiência durante a produção.

Palavras-chave: Jornalismo Policial; Caso Bárbara; Sensacionalismo; Ética.

ABSTRACT

The product of this Course Completion Work (TCC) is the journalistic documentary *On the Edge of the News – The press coverage of the Bárbara Vitória case*. The documentary brings reports from reporters who participated in the journalistic coverage to outline an analysis, from the perspective of the professionals themselves, about sensationalism in approaching the case and the limits in covering a tragedy. In this technical report, there is a theoretical discussion on Police Journalism, sensationalism, ethics, in addition to identifying similarities between documentary and journalism, and the executive project and experience reports during production are presented.

Keywords: Police Journalism; Barbara case; Sensationalism; Ethic.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 Jornalismo policial	10
2.2 Jornalismo e o documentário	13
2.3 Caso Bárbara Vitória	16
3 MEMORIAL DESCRITIVO	17
3.1 Descrição do Produto e Etapas	17
3.2 Ficha técnica	18
3.3 Sinopse	18
4 RELATO REFLEXIVO DE EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

O formato do jornalismo policial na televisão é um tema bastante discutido devido à maneira peculiar e exagerada que as notícias são exibidas. Em alguns telejornais desse segmento, a importante função social do jornalismo, que é informar, acaba sendo deixada de lado, já que entreter o público se torna mais relevante. Apesar de buscar um formato ágil, dinâmico e, às vezes, até descontraído, estes programas trazem também diversas notícias envolvendo crimes, mortes e desaparecimentos, em que não raramente o drama das vítimas ou familiares são acompanhados de perto até seu desfecho final. Muitas pessoas, após assistirem algumas matérias de programas dessa linha, costumam dizer: “passaram do limite”. Mas qual seria este limite? E será que ele de fato existe? Esta é a questão norteadora deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Por este motivo, pensamos que uma análise do Jornalismo Policial seria extremamente iluminadora sobre como os próprios jornalistas lidam com o tema da violência. O formato escolhido para a realização do produto final deste TCC foi o documentário. O caso exemplo utilizado foi o crime envolvendo a garota Bárbara Vitória, que desapareceu em 31 de julho deste ano e foi encontrada morta dois dias depois, com sinais de violência sexual, em Ribeirão das Neves, na Grande Belo Horizonte. O principal suspeito do crime, que causou grande comoção popular, matou-se no dia do enterro da menina.

No documentário, que debate sobre os limites da cobertura em tragédias, foram reunidos depoimentos de repórteres que participaram da cobertura – os jornalistas Pericles de Souza, Renato Rios Neto, Ricardo Carlini, Shirley Barroso e Thiago Reis. E também do delegado da Polícia Civil, Fábio Werneck. O filme tem duração de 53 minutos. As imagens foram captadas pela câmera T7i e editadas no programa Adobe Premiere.

Torna-se relevante a discussão sobre o sensacionalismo na mídia, neste trabalho, porque essa prática noticiosa está centrada na seleção, ênfase e repetição de elementos narrativos e imagens dramáticas e, muitas vezes, exageradas, gerando impacto emocional em parte do público. A linha pode ser muito tênue entre uma cobertura séria, responsável e ética e uma cobertura apelativa, que explora de forma desmedida a violência e trata a notícia como mercadoria para atrair a audiência.

Para contextualizar o tema, num primeiro momento será realizada, neste relatório técnico, uma breve revisão teórica sobre Jornalismo Policial, sensacionalismo, ética, além da identificação de aproximações entre documentário e jornalismo. Em seguida, serão

apresentados o produto e as etapas da sua execução. Por fim, farei um relato reflexivo sobre minha experiência de desenvolver o produto e as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Jornalismo policial

O jornalismo policial sempre fez parte das editorias dos jornais e telejornais. As notícias policiais eram inicialmente reportadas como outros assuntos na mídia, sem ter o sensacionalismo e a dramatização como principal característica da reportagem. Os veículos tradicionais buscavam passar uma imagem de seriedade, seguindo a ética jornalística e humana, respeitando as partes envolvidas, sejam as vítimas, os suspeitos e também quem estava recebendo as informações. Mas um programa telejornalístico brasileiro de apelo popular, focado na cobertura policial, mudou totalmente a maneira de se noticiar quando os assuntos envolviam crimes, tragédias e mortes. “O Aqui Agora criou um estilo vivo que pretendia oferecer a seu público um pouco de tudo em uma estrutura narrativa fechada” (CALDWELL, 1995, p. 223). Com uma linguagem informal, muitas vezes com uso de gírias ou expressões coloquiais, que apelava ao sensacionalismo e dava uma impressão de um bate-papo com o telespectador, diferentemente do que era feito no jornalismo tradicional.

Bahia (2010, p. 340), conceitua o sensacionalismo (característica predominante dos policiaiscos) como uma forma exagerada de explorar a emoção e os acontecimentos dos fatos. A pauta de um veículo sensacionalista se restringe à violência em todos os seus sentidos: “nas relações interpessoais, nas famílias divididas, nos casais separados, nos conflitos entre pais e filhos, nas relações de trabalho, no interior da sociedade, nas relações entre Estado e a coletividade, sobretudo nas atividades policiais, em que predominam os baixos instintos.” E o diferencia dos “jornais populares”, que trazem diversos assuntos além do acontecimento policial, do futebol e entretenimento, ampliando o debate para o campo da política, da economia e da opinião. Outro diferencial é que o jornalismo popular busca atingir um público que abrange tanto os trabalhadores em ocupações modestas quanto o governante, obtendo um equilíbrio fácil de compreender na perspectiva da cultura de massa.

Não se confunda esse sensacionalismo com a vibração do jornalismo popular (assim classificado para distinguir-se do chamado jornalismo de qualidade, o modelo de informação sóbria e pormenorizada que se destina às classes A e B). Vários aspectos separam o popular e o sensacionalista, alguns dos quais são o ético, o econômico (competição de mercado, publicidade e assinaturas, além da venda avulsa), o moral (compromisso com a permanência que se exprime na constante qualificação do produto) e, na maioria das vezes, a fidelidade ao seu público expressa por uma linha editorial consistente. (BAHIA, Juarez, 2010, p. 340)

Davi (2013) identificou que a estrutura deste estilo policial adotado pode ser dividida em três categorias consideradas principais. Cada uma com sua função específica. Estas categorias são:

- 1) Sensacionalismo: a captura da atenção – composta pelos elementos cuja função principal é a captura da atenção dos telespectadores;
- 2) Construção da credibilidade – composta pelos elementos que têm por função a construção da credibilidade e da autoridade dos programas;
- 3) Visão de mundo do Jornalismo Policial – composta pelos elementos que compõem a visão de mundo apresentada pelos programas. (MAMBLONA, Davi, 2013, p. 44)

O telejornal exibido no SBT, entre 1991 e 1997 (primeira versão) e em 2008 (segunda versão), trazia no slogan o seu propósito: "vibrante, com a cara do povo". Antes, este tipo de abordagem era registrado dentro de alguns programas ou jornais, sendo apenas quadros pequenos onde jornalistas emitiam opiniões e cobravam por soluções de problemas e por leis mais rigorosas. Com o "Aqui Agora", abriu-se um espaço para o chamado "jornalismo verdade" (Borges, 2002, p.55). Uma característica forte das reportagens exibidas neste modelo é a chamada "câmera nervosa", onde o repórter-cinematográfico acompanhava o repórter enquanto era apresentada a cena do fato, com drama, com entonação de voz e gestos. Um estilo que ganhou a simpatia de grande parte do público. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), da época, o programa alcançava altos índices de audiência, chegando a ficar várias vezes na liderança, ameaçando a Rede Globo no horário da tarde na Grande São Paulo, alcançando picos de 50 pontos. O equivalente a aproximadamente 44 mil domicílios sintonizados na antiga TVS (atual SBT).

Rodrigues e Caldas atribuem o sucesso ao interesse e busca dos telespectadores que querem ver a tragédia sem qualquer distorção. Ter acesso ao conteúdo completo. Literalmente "a vida como ela é".

"Pode ser um carro estatelado num poste, uma roda de curiosos em torno de um corpo caído no asfalto, reféns inocentes mantidos sob a mira de revólveres dentro de uma agência bancária, sirenes e carros da PM na porta de um edifício de grã-finos ou a enésima chacina na boca-de-fumo da favela. A gente para ou diminui a marcha, abre caminho para ver de perto ou dá, no mínimo, uma rápida olhada com o canto dos olhos. Em maior ou menor grau, como no cinema, a gente quer se ver na situação das vítimas ou dos criminosos. Isto é reportagem policial." (RODRIGUES; CALDAS, 2002, p.82).

Mas outros críticos veem que tal maneira de se noticiar fere princípios éticos do ser humano, seja ele o agressor ou a vítima. Para Dias (1996), a espetacularização e o tom cômico se tornaram elementos-chave dos programas de jornalismo policial no Brasil, banalizando a violência. E esta banalização ficava clara durante as matérias, que mostravam corpos, sangue, fotos de suspeitos, dramatização com as vítimas e o sensacionalismo desde a chamada do apresentador até o fim da exibição da reportagem. Periago (2004) completa o pensamento de Dias e afirma que todo o espetáculo montado no entorno do fato diminui a credibilidade do fato e do profissional. "A espetacularização da notícia policial, por meio de métodos extraídos

do sensacionalismo, hiper-realismo e da dramaturgia, vulgariza a TV, diminui a credibilidade do jornalista e falseia o conteúdo do fato diante da realidade” (PERIAGO, 2004, p.5).

Porém, tal modelo se manteve vivo, mesmo com o término do emblemático telejornal, fez escola e pode ser observado em policiaescos e populaescos exibidos nas emissoras de TV, rádios e em jornais impressos de circulação nacional e local. A preferência do público reflete diretamente no número de programas desse tipo que chegam às telas dos brasileiros. Segundo Borges (2002), havia mais de vinte programas de Jornalismo Policial transmitidos diariamente em nosso país, contabilizando os de veiculação local e nacional. Consolidados e com destaque nacional na televisão podemos citar: Cidade Alerta, Balanço Geral, Alerta Nacional e Brasil Urgente, que se tornaram importantes peças para conquistar a audiência na TV aberta.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros destaca a responsabilidade social do jornalista, o respeito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão, além de fazer oposição à morbidez e ao sensacionalismo. Mas, atualmente, os programas citados vão no caminho contrário do próprio documento que, moralmente, deveria ser seguido. Para Francisco José Karam (2004), praticar a ética no jornalismo seria garantir a qualidade da informação, com base em valores universais unificados em códigos deontológicos. Já Eugênio Bucci (2000) destaca que, para a ética jornalística prosperar, depende da existência de um ambiente minimamente equilibrado e plural para os meios de comunicação. O autor conceitua que o termo não trata originalmente de premissas institucionais, mas pelas decisões individuais dos jornalistas.

Do jornalista se pode exigir que ele se guie segundo o seu bom senso de cidadão, que, embora pareça um critério tênue e subjetivo, é real. Bastaria que os jornalistas não aceitassem oferecer ao público aquilo que não gostaria de ver oferecido aos seus filhos, e boa parte dos problemas que tangem o mau gosto estariam resolvidos. (BUCCI, Eugênio, 2000, p. 153)

Bucci aponta o Jornal Nacional como um exemplo de jornalismo no Brasil e destaca a maneira que cada edição é feita. “É esse o estilo brasileiro pelo qual a imagem preside a notícia.” (BUCCI, Eugênio, 2000, p. 143). E quando se fala de ética, Bucci acredita que seja possível buscar mecanismos que protejam os valores coletivamente, caso contrário, o autor acredita que a outra opção é o abandono de toda pretensão a uma convivência melhor.

Temos aqui uma encruzilhada lógica: de um lado, abre-se o caminho do vale-tudo, já que a ética não passaria de um sonho pueril como o das crianças que acreditam em Papai Noel; do outro lado, está a estrada mais tortuosa e difícil, na qual é preciso combater o vale-tudo porque, embora Papai Noel não exista, as práticas humanas podem ser melhores do que são. (BUCCI, Eugênio, 2000, p. 34 e 35)

Com base nas opiniões dos autores aqui reunidos, é possível entender que, no gênero policial, há diferença entre o jornalismo sensacionalista e o popular. Um traz uma linguagem popular, mas não restrita ao tema violência, desdobrando o debate para outros setores da sociedade como o político, o econômico, o cultural, entre outros, prezando pela ética no fazer jornalístico; enquanto o sensacionalismo abusa de cenas fortes, dramas e não raramente vai de encontro com vários conceitos éticos da profissão, expondo vítimas e suspeitos na tentativa de conquistar alguns pontos de audiência a mais que o concorrente.

Para discutir os limites entre o jornalismo ético e o sensacionalista na cobertura policial, optamos, neste TCC, pelo formato do documentário, que é um gênero do cinema que possui muitas semelhanças com o jornalismo, como o foco nos fatos e pessoas reais. No próximo tópico, busca-se compreender os pontos comuns entre os gêneros, que são tomados por discursos que buscam acesso ao real, à verdade.

2.2 Jornalismo e o documentário

O documentário é um gênero cinematográfico que, desde o seu surgimento, passou por inúmeras mudanças e adequações. Mas, até os dias de hoje, o gênero possui fronteiras difíceis de serem definidas. Nichols (2005), uma das referências no assunto, afirma que a definição de documentário é sempre relativa ou comparativa, uma vez que ele se define pelo contraste com o filme de não-ficção.

Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. (NICHOLS, 2005, p. 26)

O produto traz uma discussão mais séria e aprofundada sobre o tema em debate e conta com várias proximidades com o jornalismo. Apesar de serem meios audiovisuais diferentes, ambos contam com vários pontos de conexão. Esta ligação, em alguns casos, resulta num produtivo filme de representação e realidade. Para Jenkins (2009), os meios têm crescido seus domínios e diversificado ainda mais seus gêneros e, em determinado momento, acabam se encontrando e fundindo-se. Ele caracteriza este encontro como “Cultura da Convergência”.

O documentário permite que os personagens sejam acompanhados por mais tempo, apresentando também razões, causas e possíveis desdobramentos que ultrapassam o campo da descrição e consegue tratar de informações que ficam à margem, mas que podem ter um papel decisivo para o enriquecimento da história contada, diferente da notícia, que na grande parte dos jornais, tem um tempo menor de elaboração e de exibição, principalmente as que tratam

de crimes. Mas, por outro lado, tem uma proximidade com as reportagens, que também focam na proximidade com os personagens. O que está em jogo é a realidade de um ou vários indivíduos que estão inseridos em determinada situação social.

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. (NICHOLS; 2010, p. 26)

Assim como o jornalismo, o documentário busca dar visibilidade a grupos sociais escutando suas vozes, ou seja, ouvindo o que essas pessoas têm a dizer sobre questões relevantes para o debate público. A voz é essencial para colocar em pauta qualquer tipo de representação social. É preciso ouvir para compreender e, a partir disso, ter aceitação das questões trazidas pelo outro. Sobre a relevância da voz em um documentário Nichols (2010) afirma:

A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A voz do documentário é a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. (NICHOLS; 2010, p.73)

Nichols (2010, p. 109) ainda ressalta que, nos documentários, abordam-se assuntos que ocupam nossas vidas da forma mais apaixonada e perturbadora. “Esses assuntos seguem os caminhos de nosso desejo, conforme chegamos a um acordo com o que significa assumir uma identidade, ter uma ligação íntima e particular com alguém e pertencer a uma coletividade.”

Enquanto alguns autores tentam apresentar diferenças entre os produtos, Julio Bezerra (2014), em seu livro “Documentário e Jornalismo”, busca fazer uma aproximação entre o documentário e o jornalismo. Para o autor, estéticas realistas empregadas tanto pelo jornalismo quanto pelo documentário são socialmente codificadas - são interpretações da realidade. Além disso, Bezerra ressalta que diversos modelos narrativos que fazem com que o jornalista consiga transformar um acontecimento em notícia, é por meio de recursos cinematográficos, da montagem à trilha sonora, que cineastas são capazes de costurar espaço, tempo e conflito.

Documentário e jornalismo são o resultado de uma reunião de formulações discursivas e históricas que imputa às obras o valor de documentário e de jornalismo e as levam a um caminho de oposição ao domínio ficcional. A oposição que distingue as obras ficcionais dos documentários e reportagens geralmente está baseada, no caso do documentário, no pressuposto de que a imagem documental seria revestida de uma autenticidade que a habilita a significar a realidade e, no jornalismo, não só na imagem fotográfica, mas também em uma série de convenções institucionalizadas ao longo da história da atividade. (BEZERRA, 2014, p. 27)

Segundo Bezerra (2014), documentário e jornalismo compartilham inúmeros pontos de contato nos processos históricos de significação, de mediação e de legitimação das

narrativas. A união dos campos se dá a partir da produção dos conteúdos que partem da reflexão acerca de determinada questão social. Mas, ainda para o autor, embora haja convergências, não se pode negar também as diferenças históricas entre esses campos do conhecimento. Enquanto o documentário procurou se firmar na busca da verdade/objetividade e um comportamento interpretativo, o jornalismo direcionou os indivíduos a fazerem contato com o seu mundo a partir de aspectos reais. Ambos apresentam o mundo que podemos ver, afastando-se do ficcional. Neste sentido, é preciso compreender as técnicas fundamentais dessas duas áreas do conhecimento.

No caso do jornalismo, temos de antemão duas técnicas fundamentais. Em primeiro lugar, o lead, isto é, o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas do leitor. [...] Em segundo lugar, temos uma estrutura narrativa que recebeu a alcunha de “pirâmide invertida”. O termo designa um relato que prioriza não a sequência cronológica dos fatos, mas enumera em ordem decrescente os elementos mais importantes, em uma montagem hierárquica. No documentário não é muito diferente. Na verdade, o leque de possibilidades é ainda maior. Nichols, por exemplo, passeia por uma enorme variedade de estruturas narrativas e termina por sugerir um tratamento mais abrangente. Ele alerta para a possibilidade de subdivisões e, como recomendam os oradores clássicos, cita cinco procedimentos: uma abertura que capte a atenção do público, um esclarecimento do que já se reconhece como fato e do que continua controverso, ou uma declaração ou elaboração da própria questão, um argumento direto em favor de uma causa, de um ponto de vista específico, uma refutação que rejeite argumentos contrários e uma recapitulação do caso que agite o público e o predisponha a um determinado procedimento. (BEZERRA; 2014, p.47-48)

De acordo com Bezerra (2014), o “novo jornalismo” e o “cinema direto” surgiram com o objetivo de trazer mudanças positivas para o jornalismo e o documentário enquanto produção de conteúdo. Na verdade, segundo o autor, os dois movimentos são marcados por questionamentos de ordem ética. Tanto o novo jornalismo quanto o cinema direto lidam com imprevisibilidades e precisam negociar as relações com as pessoas e suas vidas. Ambos foram moldados com essas expectativas em relação às ideias de verdade, verossimilhança e objetividade.

Ao pesquisar sobre o tema escolhido para o documentário proposto neste trabalho, percebe-se que o jornalismo policial é uma das editorias mais questionadas devido à maneira como as notícias e reportagens são construídas pelos profissionais, com apelo sensacionalista. Para a reflexão sobre o tema, na ótica dos próprios profissionais que atuam nesta editoria, escolheu-se a cobertura da imprensa durante o caso Bárbara Vitória, que será apresentado no próximo tópico. Sob o ponto de vista ético, este trabalho irá analisar se há um limite a ser respeitado por jornalistas na cobertura de uma tragédia.

2.3 Caso Bárbara Vitória

A garota Bárbara Vitória, de 10 anos, desapareceu no dia 31 de julho deste ano (2022), após sair de casa para comprar pão em uma padaria do bairro Landi, na Região de Justinópolis, em Ribeirão das Neves, na Grande BH. Os pais tentavam encontrar a criança com mensagens espalhadas pelas redes sociais. Logo surgiram imagens de câmeras de segurança que registraram a menina sendo perseguida por um homem suspeito.

Na segunda-feira (1º de agosto), a mãe de Bárbara foi levada pelos policiais até a casa do principal suspeito do crime e identificou um saco de pão que teria sido comprado pela menina antes de desaparecer. O homem também foi confrontado com imagens das câmeras de segurança em que ele apareceria fazendo um sinal para a menina, que corre em seguida. Ele foi ouvido na delegacia e liberado.

Dois dias depois, na manhã de terça-feira, o corpo da menina foi encontrado em um campo de futebol no bairro Pedra Branca, em Ribeirão das Neves, também na Grande BH. Bárbara estava com uma camisa do Atlético, a mesma que usava quando desapareceu, mas sem as roupas de baixo e com sinais de violência e enforcamento. Bárbara Vitória foi enterrada na quarta-feira (03 de agosto), sob forte comoção e pedidos de justiça por sua morte.

No mesmo dia, o suspeito do crime foi encontrado morto, na casa de uma tia no bairro Cachoeirinha, na Região Noroeste de Belo Horizonte. Ele teria se enforcado enquanto a tia saiu por um momento de casa.

Tudo foi registrado pela imprensa, desde o desaparecimento, o drama da família até a despedida. Com reportagens e entradas ao vivo, que mostravam os pais e familiares em desespero. O trabalho da polícia e os atritos entre o delegado e a imprensa. A cobertura também contou com links ao vivo do velório, reportagens no enterro e manifestações de amigos e moradores em busca de justiça. Além dos vazamentos de documentos, como a certidão de óbito da vítima, e fotos confidenciais da perícia que mostravam o autor do crime morto.

3 MEMORIAL DESCRITIVO

3.1 Descrição do Produto e Etapas

O documentário busca discutir os limites da cobertura de um jornalismo policial e diferenciá-lo do sensacionalismo. Para isso, busquei conversar com jornalistas que atuam na área há bastante tempo ou que migraram recentemente para este estilo popular. Como caso central trouxe a triste história da garotinha Bárbara Vitória, que foi sequestrada, abusada e morta. Para aprofundar neste fato, também demos espaço ao delegado responsável pela investigação.

Na produção, trouxemos à tona trechos de reportagens, entradas ao vivo e de comentários durante os jornais, intercalando, completando e, às vezes, confrontando com as falas dos entrevistados durante as gravações realizadas. O principal questionamento em debate é se há limite em uma cobertura de uma tragédia, e são os próprios jornalistas que tentam responder à questão.

Quando decidi debater este tema, logo pensei em envolver os profissionais que participaram da cobertura deste caso e que têm prática no jornalismo policial. Achei que seria difícil conseguir horários para conversar e realizar a gravação com os profissionais, porém, este passo foi tranquilo. Com a confirmação das fontes e datas para as gravações, precisava pensar em perguntas para cada um dos profissionais e também numa maneira de as respostas dialogarem durante a montagem da edição. Além disso, a questão principal deveria ser respondida por todos: há limite na cobertura de uma tragédia?

Pensando nesta questão principal, o nome escolhido para o documentário foi: “No limite da notícia - A imprensa no caso Bárbara”. Isso porque tentamos descobrir se há e qual seria o limite respeitado pelos jornalistas durante uma cobertura. Na abertura do vídeo, o nome surge gradativamente sobre uma tela de fundo, remetendo ao jornalismo raiz, o impresso.

No decorrer do filme, como transição entre as reportagens, utilizamos uma televisão dessintonizada dando ideia de mudança de canal. Por conter trechos de reportagens exibidas na TV Alterosa (SBT) e Record TV, o produto será disponibilizado na plataforma de vídeos aberta Dailymotion.

3.2 Ficha técnica

Título	No limite da notícia – A imprensa no caso Bárbara
Ano produção	2022
Dirigido por	Hiago Davi Reis da Rocha
Estreia	A definir
Duração	53 minutos
Classificação	12 anos
Gênero	Drama
Países de Origem	Brasil

3.3 Sinopse

O documentário No Limite da Notícia - A imprensa no caso Bárbara debate se há limite em uma cobertura de uma tragédia. A produção traz à tona reportagens sobre o triste caso da garotinha Bárbara Vitória, que foi sequestrada, abusada e morta na cidade de Ribeirão das Neves, região metropolitana de BH. O caso chocou todo o estado de Minas Gerais e teve repercussão local nacional nos veículos de imprensa e são os próprios jornalistas que tentam responder à questão em debate.

4 RELATO REFLEXIVO DE EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL

Ter este contato com figuras do jornalismo policial foi, sem dúvidas, de suma importância para minha carreira. Durante a graduação, não houve o aprofundamento da prática nesta editoria especificamente. E na medida em que fui desenvolvendo a pesquisa e analisando as reportagens da cobertura policial sobre o Caso Bárbara, em canais e portais de tv, pude perceber a importância de se respeitar um limite para não expor ainda mais os envolvidos, sejam as vítimas, familiares ou autores.

Percebi ainda que o jornalismo policial nem sempre vem acompanhado do sensacionalismo e que há um jornalismo popular, com palavras fáceis e que atingem a parcela do público que busca por aquele tipo de notícia e que sente a realidade sendo ali representada.

Com os depoimentos dos entrevistados e análises das reportagens para a realização do documentário, também aprendi como os jornalistas lidam, nos momentos mais delicados de uma reportagem e como agem ao solicitarem entrevista para os familiares que acabaram de sofrer alguma perda. Como abordar e como lidar em uma possível negativa. Constatei também que limites nestas abordagens devem ser respeitados, apesar de que os limites foram singulares, deu para se ter uma base de qual linha não ultrapassar.

Ainda que o jornalismo policial seja muito questionado, é possível fazê-lo sem desrespeitar a ética ou os envolvidos. Conhecer a fundo o trabalho nesta editoria e a atuação de jornalistas que já admirava foi muito significativo. Durante todo o trabalho, me senti motivado a conhecer e aprender com a vasta experiência das fontes entrevistadas. Consegui diferenciar o jornalismo sensacionalista do jornalismo popular, além de expandir meu conhecimento teórico e sobre a prática do jornalismo policial, experiência que contribui para minha trajetória acadêmica e profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi entender os limites seguidos pelos jornalistas enquanto noticiam crimes em programas policiais. Para isso, após a definição do que é o jornalismo policial e citar conceitos da ética jornalística, foi produzido um documentário analisando o trabalho da imprensa no caso Bárbara.

No decorrer da obra, repórteres, apresentadores, que participaram da cobertura, e o delegado da Polícia Civil responsável pelo caso, relataram as experiências e percalços que nos ajudaram a enxergar até onde vai o jornalista policial para buscar a informação, uma vez que os telejornais de cunho popular exigem um drama maior durante o relato dos fatos. Muitas vezes, isto acaba causando a exposição de vítimas e possíveis suspeitos. Há também uma cobrança em cima das forças de segurança e dos órgãos públicos para que as soluções sejam dadas. Essas técnicas são utilizadas para atrair ainda mais um público que vive aquela realidade diariamente, ultrapassando assim, os limites impostos pela ética.

Após o desenvolvimento do trabalho, apesar dos entrevistados dizerem que há um limite na cobertura policial a não ser ultrapassado, o que é notável na prática e no comportamento adotado pelos profissionais é a falta dele. Os trechos de reportagens recuperadas exibidas no documentário mostram vários excessos cometidos por parte da imprensa. Enquanto o delegado do caso, Fábio Werneck, tentava manter o sigilo de informações para preservar os envolvidos e conter o vazamento de detalhes sobre a investigação, os veículos o pressionavam exigindo entrevistas, cobrando elucidacões e a prisão do até então suspeito. Essa pressão era realizada com entrevistas de familiares revoltados e opiniões emitidas pelos próprios jornalistas que julgavam e atacavam de maneira contundente a postura do policial civil.

Durante a apresentação dos telejornais, a foto do principal suspeito era estampada em todo o instante, e mesmo ainda sem provas, ele era atacado pelos apresentadores que dirigiam palavras fortes. Paulo Sérgio chegou a ser chamado de maníaco e covarde pelo apresentador Renato Rios Neto, antes mesmo de ser comprovada a participação no crime. Na região onde o fato aconteceu o clima de revolta dos moradores poderia ocasionar em um linchamento ou até mesmo no auto-extermínio do suspeito, o que posteriormente ocorreu. O delegado acredita que se tivesse conseguido manter os envolvidos protegidos e não houvesse esses ataques públicos, o autor estaria preso e não morto.

Além disso, em uma das edições do “Alterosa Alerta”, exibido na Tv Alterosa, o apresentador Thiago Reis é forçado a chamar o intervalo por estar bastante emocionado ao vivo durante a cobertura do velório. Já durante as entrevistas, ao ser questionado sobre o

“vale-tudo”, o diretor de jornalismo da emissora, Ricardo Carlini, pontua que apenas não valeria matar para criar um fato, o que evidencia ainda mais a falta de um limite.

Os demais jornalistas exemplificam até onde iriam, para conseguir uma novidade para o fato e quais técnicas não utilizavam, como gravar escondido, forçar uma entrevista ou invadir um velório. Contudo, em nenhum momento os entrevistados citaram, ao menos uma vez, o código de ética dos jornalistas. Eles se valiam do bom senso, que é algo relativo, e não das regras já definidas pelo código.

Também pude perceber que o “mundo cão” ainda está vivo no jornalismo policial, uma vez que detalhes de como estava o corpo da garotinha Bárbara, quando foi encontrado e depois de como ele estava já no caixão foram citados nas reportagens, sem imagens, mas nas falas dos repórteres.

Diante dos objetivos definidos no início deste trabalho, considero que os resultados foram satisfatórios. Foi possível demonstrar que, apesar do código de ética trazer regras e traçar limites, na prática eles não são seguidos pelos jornalistas do gênero policial, como apresentado no objetivo principal. Sobre os objetivos específicos, considero que também foram atingidos, consegui mostrar que não “vale-tudo” em uma cobertura e que todos os desdobramentos devem ser noticiados nos policialescos.

Durante o desenvolvimento do documentário, houve vários desafios. O primeiro, foi o curto tempo para desenvolver todo o conteúdo. Apesar do esforço, em outras circunstâncias creio que a análise poderia ter ido mais além. Outro desafio foi conseguir alinhar agenda com os entrevistados. Um terceiro e grande desafio foi convencer o delegado Fábio Werneck a participar do debate e, para isso, foram impostas algumas condições, em que o policial reviu toda a entrevista e vetou perguntas sobre detalhes da investigação, segundo ele, seriam assuntos sigilosos.

Novos questionamentos surgiram ao finalizar o projeto. Entre eles: há alguma maneira de padronizar este limite; O código de ética tem valia para o jornalismo policial; E de que maneira o trabalho da imprensa interfere no trabalho policial. São perguntas que surgiram e que não consegui responder.

Com o resultado deste trabalho, considero que não há um limite claro ou uma regra definida para esse tipo de cobertura. Cada repórter faz como quer e parece que código de ética nem existe para esses jornalistas. Futuramente espero que este trabalho sirva como norteador, especialmente para quem pretende seguir no jornalismo policial, para que o “vale-tudo” não entre em ação e que as regras do código de ética dos jornalistas tenham uma valia maior para

os novos profissionais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. F. **Sensacionalismo, um conceito errante**. XIV Encontro da Compós. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2005.

BEZERRA, Julio. **Documentário e jornalismo: propostas para uma cartografia plural**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DANTAS, G. A. C; LEITE, J. S; TARGINO, M. das G. . **Mídia e violência: dicotomia deontológica entre ética e prática jornalística**. Datagramazero, Rio de Janeiro, v.14, p. 1-16, 2013.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **Discurso da Violência: as marcas da oralidade no Jornalismo Popular**. São Paulo: Educ/Cortez, 1996.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência no jornalismo popular**. Boletim Informativo. João Pessoa: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1996.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética do Jornalista Brasileiro**. Vitória, 2007

GOMES, Mayra Rodrigues. **Ética e Jornalismo: uma cartografia dos valores**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Ética, deontologia, formação e profissão: observações sobre o Jornalismo**. In: Estudos em Jornalismo e Mídia, v. I, n.1, 2004.

KARAM, Francisco José Castilho. **A Ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

LOBO, G. M. S. **Dois Pesos e uma Medida: Ética na Cobertura do Noticiário Policial**. Tropos, [S.l.], v. 1, n. 3, jun. 2015.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 5 ed. São Paulo: Papyrus, 2010.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Papyrus, 2012.

RAMOS, Sílvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

RODRIGUES, Ernesto; In: CALDAS, Álvaro. **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. São Paulo: Loyola, 2002.

SOUZA, A. P. S. **Jornalismo Policial Sensacionalista: Entre a Audiência e a função social**. Intercom, 2009. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/r4-1123-1.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2022.